

TERRITORIALIDADES DA
MODERNIZAÇÃO AGRÍCOLA:
Vicente Dutra-RS (1966-1980)

• **J DI** UNIVERSIDADE REGIONAL
FREDERICO INEGRADA DO ALO
URUGUAI E DAS ISSES



Reitor

Luiz Mario Silveira Spinelli
Pró-Reitora de Ensino
Rosane Vontobel Rodrigues
Pró-Reitor de Pesquisa, Extensão
e Pós-Graduação
Giovani Palma Bastos
Pró-Reitor de Administração
Clóvis Quadros Hempel

Campus de Frederico Westphalen
Diretor Geral
César Luís Pinheiro
Diretora Acadêmica
Silvia Regina Canan
Diretor Administrativo
Nestor Henrique De Cesaro

Campus de Erechim
Diretor Geral
Paulo José Sponchiado
Diretor Acadêmico
Elisabete Maria Zanin
Diretor Administrativo
Paulo Roberto Giollo

Campus de Santo Ângelo
Diretor Geral
Maurílio Miguel Tiecker
Diretora Acadêmica
Neusa Maria John Scheid
Diretora Administrativa
Gilberto Pacheco

Campus de Santiago
Diretor Geral
Francisco de Assis Górski
Diretora Acadêmica
Michele Noal Beltrão
Diretor Administrativo
Jorge Padilha Santos

Campus de São Luiz Gonzaga
Diretora Geral
Sonia Regina Bressan Vieira

Campus de Cerro Largo
Diretora Geral
Edson Bolzan

CONSELHO EDITORIAL DA URI

Presidente

Denise Almeida Silva (URI)

Conselho Editorial

Adriana Rotoli(URI)

Alexandre Marino da Costa (UFSC)

Antonio Carlos Moreira
(UNOESC/URI)

Breno Antonio Sponchiado(URI)

Carmen Lucia Barreto
Matzenauer(UCPel)

Claudir Miguel Zuchi(URI)

Dieter Rugard Siedenberg(UNISC)

Edite Maria Sudbrack(URI)

Gelson Pelegrini (URI)

José Alberto Correa
(Universidade doPorto, Portugal)

Leonor Scliar-Cabral *ProfessorEmeritus*
(UFSC)

Liliana Locatelli (URI)

Luis Pedro Hillesheim (URI)

Márcia Lopes Duarte (UNISINOS)

Maria Teresa Cauduro (URI)

Marília dos Santos Lima (PUC-RS)

Nestor Henrique De César (URI)

Patrícia Rodrigues Fortes
(CESNORS-FW)

Revisão metodológica: Franciele da Silva Nascimento
Diagramação/Impressão: Grafimax Editora Gráfica Ltda.
Capa/Arte: Sara Spolti Pazuch
Revisão Linguística: Wilson Cadoná

Gilberto Spier

**TERRITORIALIDADES DA
MODERNIZAÇÃO AGRÍCOLA:
Vicente Dutra-RS (19664980)**

FREDERICO WESTPHALEN - RS



2011

© 2011 by Gilberto Spier

Revisão Linguística: Ophelia Sunpta Buzatto Paetzold
Revisão metodológica: Franciele da Silva Nascimento
Capa/Arte: Sara Spolti Pazuch
Projeto gráfico e impressão: Grafimax Editora Gráfica

O conteúdo dos textos é de responsabilidade exclusiva dos(as) autores(as).

Permitida a reprodução, desde que citada a fonte.

Catálogo na Fonte elaborada pela Biblioteca Central URI/FW

Bibliotecária Gabriela de Oliveira Vieira CRB 10/2044

URI - Universidade Regional Integrada
do Alto Uruguai e das Missões

Campus de Frederico Westphalen:
Rua Assis Brasil, 709 - CEP 98400-000
Tel.: 55 3744 9200 - Fax: 55 3744-9265
E-mail: editorauri@yahoo.com.br

Impresso no Brasil
Printed in Brazil

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao meu pai, Sebastião, *in memoriam* e para minha mãe, Maria Emília. Meu pai, mesmo não tendo sentado um dia sequer num banco escolar como aluno, aprendeu a ler e escrever com a ajuda de minha mãe, mas sempre deu valor ao estudo e à formação dos filhos, mesmo com as dificuldades de camponês pobre, mas honrado. Minha mãe e meu pai sempre dedicados e comprometidos com a vida escolar dos filhos, juntos, construíram suas vidas, trabalhando no campo e, mesmo não tendo muitos confortos, nunca deixaram, com seu trabalho, faltar comida na mesa, material escolar e roupas, mesmo que modestas, para que pudéssemos ir à escola. A eles, eterna gratidão e admiração.

B

AGRADECIMENTOS

Cabe registrar, antes de apresentar o resultado desse esforço, os agradecimentos cordiais e sinceros:

A Prof.^a Dr.^a Marli Terezinha Szumilo Schlosser, que dedicou sua admirável capacidade intelectual, cultural e metodológica, sendo paciente e amiga para que o presente trabalho viesse à luz;

Ao Prof. Dr. Marcelo Dorneles Carvalhal, que, na ausência da Prof.^a Marli, ocasião em que esteve afastada, fazendo seu Pós-doutoramento, assumiu a orientação do trabalho e contribuiu enormemente;

Ao corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Geografia, pelas contribuições, e importante papel na formação acadêmica;

À esposa Salete e às filhas Francine e Kamilla que, mesmo privadas de minha presença em vários momentos, deram-me apoio, carinho e incentivo para seguir adiante;

Aos colegas de curso que compartilharam, fraternalmente esforços, entusiasmo e momentos de estudo e de cansaço;

À Prof.^a Ophelia Buzatto Paetzold, pela revisão linguística do texto e pelas valiosas sugestões.

Aos colegas professores das escolas 14 de Maio, de Vicente Dutra-RS, Escola de Laju e Delminda Silveira, de Mondaí-SC que, em muitas ocasiões, assumiram minhas turmas na escola para que eu pudesse frequentar as aulas do mestrado ou buscar orientação;

Aos meus alunos que, todos os dias, ensinam-me novas lições da vida em sociedade a partir de seus anseios, dúvidas, alegrias, revoltas e carinho;

GILBERTO SPIER

Aos sujeitos de pesquisa: camponeses, técnicos, dirigentes, artesãos e demais pessoas que deram horas de seu tempo para prestar valiosas informações em entrevistas ou diálogos que enriqueceram este trabalho;

A todos os amigos que, nas horas de necessidade ou difíceis, estenderam sua mão amiga, colaborando, incentivando e oferecendo seu ombro para os desabafos.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Evolução da população rural urbana no Brasil, entre os anos de 1940 e 2000.....	84
Quadro 2 - Os centros internacionais de pesquisa (1950-1976)	90
Quadro 3 - Os centros nacionais de pesquisa, instalados no Brasil	92
Quadro 4 - Evolução do (de)crescimento populacional de Vicente Dutra-RS, segundo o IBGE entre 1966 e 1980.....	162

GILBERTO SPIER

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Propaganda de máquina agrícola	124
Figura 2 - Recorte do jornal O Alto Uruguai : cooperativa alertando agricultores.....	130
Figura 3 - Localização geográfica de Vicente Dutra-RS.....	145

GILBERTO SPIER

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Foto 1 - Vista parcial da formação orográfica predominante em Vicente Dutra-RS.....	147
Foto 2 - Máquina costal de pulverização muito usada na década de 1970.....	160
Foto 3 - Vista parcial do clube (boliche) da associação laranjeiras de Linha Laranjeiras - Vicente Dutra-RS.....	165
Foto 4 - Linha Forquilhas - fazenda usada na criação de gado de corte desde 1975.....	167
Foto 5 - Plantação de porungas na Linha Pão-de-açúcar Vicente Dutra-RS.....	171
Foto 6 - Instalações de um artesanato de cuias para mate na cidade de Vicente Dutra - rusticidade e mão de obra familiar	172
Foto 7 - Residência de ex-camponês abandonada na Linha São Domingos.....	176
Foto 8 -Galpão típico de uso camponês da família Rossato, na Linha Boa Esperança.....	182
Foto 9 - Linha São Domingos: experiência concreta da modernização da agricultura.....	184

GILBERTO SPIER

Foto 10 - Caixa d'água usada para abastecer pulverizador.185

Foto 11- Escola Municipal da Linha Boa Esperança.....197

LISTA DE MAPAS

Mapa 1 - Imagem de satélite: território municipal de Vicente Dutra-RS, outubro de 1985.....	154
Mapa 2: Imagem de satélite, território de Vicente Dutra-RS, outubro de 1996.....	217
Mapa 3: Imagem de satélite, território de Vicente Dutra-RS, maio de 2010.....	218

GILBERTO SPIER

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	21
1 A TRAJETÓRIA DA MODERNIZAÇÃO DA AGRICULTURA A PARTIR DA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XX.....	31
1.1 Considerações introdutórias.....	31
1.2 Caracterizando o processo de modernização da agricultura e sua territorialização no Brasil.....	33
1.3 A recriação da estrutura industrial de guerra para atender às demandas da modernização da agricultura.....	39
1.4 A modernização agrícola no Rio Grande do Sul.....	42
1.5 Os conceitos de território, desterritorialização e territorialidades na compreensão da modernização da agricultura.....	46
1.6 As agroindústrias e o sistema integrado de produção, atuando conjuntamente, na agricultura.....	52
1.7 A Questão socioambiental e a desterritorialização causada pela modernização da agricultura no Brasil.....	56
1.8 O papel da igreja católica conservadora no seu envolvimento com a proposta de modernização da agricultura.....	64

GILBERTO SPIER

1.9 O crédito subsidiado para as novas tecnologias para serem aplicadas na agricultura: um privilégio para poucos.....	68
1.10 A modernização da agricultura e seus impactos sobre o meio ambiente.....	71
1.11 Considerações parciais.....	78
2 MEDIADORES DA MODERNIZAÇÃO DA AGRICULTURA EM VICENTE DUTRA-RS: EXTENSIONISMO RURAL, IGREJA CATÓLICA, RÁDIO, JORNAL, SINDICATO, COOPERATIVA E PODER PÚBLICO.....	81
2.1 Considerações introdutórias.....	81
2.2 Contextualizando o papel dos agentes e mediadores de mudanças na modernização da agricultura em Vicente Dutra-RS.....	83
2.3 As empresas de pesquisa científica e de extensão rural na criação e instalação dos pacotes tecnológicos para modernizar a agricultura.....	87
2.4 O papel dos meios de comunicação na divulgação dos ideais da modernização da agricultura: a Rádio Luz e Alegria e o jornal O Alto Uruguai.....	109
2.4.1 A Rádio Luz e Alegria e a programação direcionada aos camponeses na perspectiva da modernização da agricultura ...	111
2.4.2 O Jornal O Alto Uruguai: inserções e silenciamentos sobre a agricultura regional.....	118
2.5 O Padre Batistella como mediador da modernização agrícola: A relação da igreja católica conservadora com o projeto de modernização da agricultura.....	126

TERRITORIALIDADES DA MODERNIZAÇÃO AGRÍCOLA: Vicente Dutra-RS (1966-1980)

2.6 O papel da Cooperativa Tritícola Frederico Wesphalen LTDA - COTRIFRED como mediadora da modernização da agricultura em Vicente Dutra-RS.....	129
2.7 O Sindicato dos Trabalhadores Rurais - STR de Vicente Dutra-RS e os programas troca-troca para viabilizar o plantio moderno.....	134
2.8 O poder público municipal de Vicente Dutra-RS, mediando a Modernização da agricultura.....	135
2.7 Considerações parciais.....	138
3 TRAJETÓRIA DA OCUPAÇÃO DO TERRITÓRIO, AS TERRITORIALIDADES DA MODERNIZAÇÃO DA AGRICULTURA EM VICENTE DUTRA-RS, ENTRE 1966 E 1980.....	141
3.1 Considerações introdutórias.....	141
3.2 O território de Vicente Dutra-RS como recorte de pesquisa	144
3.3 O início da ocupação do território: desterritorialização e nova territorialização.....	149
3.4 Mudanças na territorialidade e formas de resistência ao processo de modernização da agricultura.....	168
3.4.1 O cultivo de porungas e o artesanato de cuias: alternativa e resistência, desde o final da década de 1960.....	169
3.4.2 Os cultivares de autoconsumo uma resistência camponesa à agricultura moderna.....	174
3.5 Considerações parciais.....	186
CONCLUSÃO.....	189

GILBERTO SPIER

REFERÊNCIAS.....	199
ANEXOS.....	209
ANEXO A - Termo de doação/cessão gratuita de direitos sobre depoimento oral.....	211
ANEXO B - Questionário para entrevista com lideranças sindicais e cooperativistas.....	212
ANEXO C - Questionário para entrevista com técnicos da	
ANEXO D - Questionário para entrevista: autoridades municipais da década de 1970.....	215
ANEXO E - Questionário para entrevista: camponeses.....	216
ANEXO F - Mapas 2 e 3.....	217

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como tema: Territorialidades¹ da Modernização da Agricultura em Vicente Dutra-RS, entre os anos de 1966 e 1980. Neste recorte espacial e temporal, buscam-se respostas sobre o conjunto de transformações ocorridas no território do município com a aplicação dos pacotes tecnológicos da modernização agrícola. Quanto ao recorte temporal ou cronológico, a escolha pelo ano de 1966 deve-se ao fato de coincidir com a emancipação político-administrativa do município e, também, com o início da modernização tecnológica e conservadora da agricultura (FLEISCHFRESSER, 1988).

Em Vicente Dutra-RS, as primeiras transformações, conduzidas pela modernização agrícola, também tiveram início a partir da primeira metade da década de 1960. Quanto ao ano de 1980, que é o final do recorte temporal, deve-se ao fato de visualizar um tempo cronológico suficiente para a compreensão do que foi a modernização conservadora da agricultura e quais as suas principais consequências sobre o território do município. É importante que se leve em consideração que a década de 1970 foi marcante do ponto de vista das transformações e das consequências ligadas ao processo de modernização da agricultura.

¹ A **territorialidade** resulta das ações e relações de poder, estratégias geográficas potentes para controlar as pessoas e as coisas através do controle da área (SACK, 1986).

A formação de um território dá às pessoas que habitam nele a consciência de uma participação, provocando o sentido de **territorialidade** que, de forma subjetiva, cria uma consciência de confraternização entre elas (ANDRADE, 2004, p. 20).

GILBERTO SPIER

A modernização da agricultura - que se desenvolvia no Brasil, sobretudo a partir da década de 1950 - interferiu na (re)construção da territorialidade do Município de Vicente Dutra-RS, substituindo, na maior parte do território, as formas tradicionais de agricultura por uma agricultura comercial e de mercado dependente de novas e modernas tecnologias que passaram a não ser mais do domínio histórico e cultural dos agricultores.

Através deste trabalho de pesquisa, busca-se apresentar, de forma sistematizada, o conjunto de mudanças e transformações de caráter econômico, social e ambiental que se desenvolveram no território onde está localizado o município de Vicente Dutra-RS. Também, objetiva-se estar contribuindo com a ciência geográfica na organização de conhecimentos que possibilitem a interpretação do território e as territorialidades nele formadas, sobretudo a partir das novas e modernas tecnologias direcionadas ao campo para o processo de modernização agrícola e das mudanças nos processos de relacionamento da sociedade no território.

As novas territorialidades agrícolas alteraram e transformaram o campo em Vicente Dutra-RS. A compreensão de como este processo se desenvolveu e quais as suas consequências para o município e para os camponeses², bem como a exposição das formas

² Camponês, no coletivo **camponeses**, em sua acepção geral, é largamente usada como pessoa ou grupo de pessoas que vivem em áreas rurais, exercendo profissionalmente atividades ligadas ao campo, estando pouco ligado a vida urbana. [...] No Brasil a expressão espanhola *campesinato* vem tendo grande divulgação e se aportuguesando (ANDRADE, 2004, p. 67). Shanin (1980) entende que "**camponês**" é um estilo ou modo de vida, não sendo inato do modo de vida camponês o lucro ou a acumulação. Enquanto o campo brasileiro tiver a marca da extrema desigualdade social e a figura do latifúndio se mantiver no centro do poder político e econômico - esteja ele associado ou não ao capital industrial e financeiro - o *campesinato* permanece como conceito-chave para decifrar os processos sociais e políticos que ocorrem neste espaço e suas contradições (MEDEIROS, 2008). Belatto (1985) apresenta o **camponês**, como uma classe capaz de desencadear processos revolucionários de transformação das estruturas sociais, econômicas e ideológicas de uma nação. O camponês de que se estará falando neste trabalho, constitui uma categoria de agricultores, que, apesar das mudanças causadas pelo processo de modernização da agricultura, continuam vivendo na terra, muitas vezes recriando formas de trabalho e de relações sociais. Portanto, é um resistente, um forte.

de organização e, a partir delas, da resistência camponesa, nas formas de assimilação ou reação desenvolvidas ou recriadas para sobreviver às mudanças implantadas pelas novas tecnologias - é o que se busca através deste trabalho que ora se apresenta.

Para dar mais significado ao conceito de camponês, Sabú (2006) afirma que:

Também se faz necessário esclarecer a princípio que o camponês em questão nada tem a ver com o camponês feudal. Após o feudalismo o camponês em muito se distinguiu do servo, pois o camponês não pertence a terra, muito pelo contrário a terra passou a pertencer ao camponês e este pode dispor dela sem dar satisfação a qualquer senhor. Além disso, a relação entre os camponeses enquanto classe é explícita no reconhecido avanço em seu poder de mobilização e articulação[...]. (SABÚ, 2006, p. 76).

Este mesmo posicionamento é, também, defendido por Belatto (1985), Shanin (1980) e por Fabrini (2010), que entendem o campesinato como uma categoria capaz de desenvolver um estilo ou modo próprio de vida, diferente do estilo ortodoxo de vida, típico ou proposto, pelo modo capitalista de produção. Para Belatto (1985), o campesinato, visto desta forma, é uma categoria com forte capacidade de mobilização social, sendo capaz de produzir, desde que organizada enquanto classe, transformações na sociedade.

A escolha da temática tem relação, num primeiro momento, ao programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu*, da UNIOESTE (Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Francisco Beltrão), que oferece a possibilidade de desenvolvimento da pesquisa através da linha de pesquisa: Dinâmicas territoriais. Segundo, pelo interesse despertado sobre as questões relacionadas ao campo e à agricultura brasileira através do contato com a disciplina de Geografia Agrária, com a qual tive oportunidade de trabalhar em vários momentos na Universidade nos cursos de Geografia e História. A questão agrária e, nela, os problemas ligados à agricultura brasileira, sobretudo das últimas décadas, despertaram interesse de continuar estudando a modernização da agricultura, o que culminou com o

GILBERTO SPIER

desenvolvimento do projeto de pesquisa que dá origem a esse trabalho.

O trabalho busca oferecer respostas para as indagações sobre questões territoriais referentes a vários fenômenos geográficos, como: o êxodo rural, que, a partir de então, passou a chamar de desterritorialização do campo, que se acentuou em Vicente Dutra-RS a partir da primeira metade da década de 1970; as mudanças no perfil produtivo de Vicente Dutra-RS; o abandono de experiências de produção artesanal típica camponesa; e o que resultou do processo de modernização da agricultura entre 1966 e 1980.

A estrutura do trabalho compõe-se de três capítulos. No primeiro, conforme o que se estabeleceu enquanto metodologia de pesquisa, buscaram-se, na revisão de literatura sobre o tema, as principais conceituações sobre modernização da agricultura, campesinato e territorialidade, conceitos que estão dando respaldo para o referencial de análise no capítulo dois e três. Buscou-se, neste capítulo, o relacionamento entre as produções científicas sobre a modernização da agricultura e suas territorialidades, com o que se estabeleceu no território camponês de Vicente Dutra-RS entre 1966 e 1980.

Como o campo teórico foi mais relevante na elaboração do primeiro capítulo, uma busca por um conjunto de autores com maior afinidade e aproximação de ideias com a proposta de trabalho caracterizam esta parte do texto: Belatto (1985), Campos (2004), Fleischfresser (1988), Haesbaert (2004), Medeiros (2003), Palmeira (1989), Santos (2006, 2001, 1996, 1989), Saquet (2010). Muitos outros autores poderiam fazer parte das discussões sobre a modernização agrícola e suas territorialidades, porém, o trabalho não se esgota com esta fase e, em outras oportunidades, com outros vieses, poderão se fazer presentes. No entanto, aqueles que defendem a modernização da agricultura como forma ou caminho único para a solução dos problemas da agricultura, da fome e da sociedade brasileira em geral, tivemos o cuidado de não citá-los, apesar de ter feito a leitura de alguns desses autores. Em certos momentos, achamos conveniente apresentar características do campo empírico de

pesquisa. Por esse motivo, são registradas fontes primárias, como entrevistas e recortes de documentos, fazendo relações entre a teoria e a prática.

No segundo capítulo, procuramos dar respostas para as indagações sobre as formas e modalidades, em nível regional e local, de como a modernização conservadora da agricultura se territorializou, e sobre os mecanismos com os quais objetivadas mudanças da modernização da agricultura se propagaram pelo território. Desta forma, foi necessário pesquisar em arquivos; pesquisar em fontes primárias sobre a história da região; fazer entrevistas pré-estruturadas e juntar materiais iconográficos que possibilitaram a elaboração escrita do capítulo. Muitas das fontes pesquisadas, como no **Jornal O Alto Uruguai**, além de bibliografias relacionadas com a história regional, não tratam, de forma direta com o objeto de pesquisa, mas apresentam relação de aproximação com a temática. Assim, foram importantes fontes de pesquisa. É no segundo capítulo, que se verifica, também, uma aproximação entre o campo, mais teórico do primeiro capítulo, com o campo empírico.

Para entender o papel do **Jornal O Alto Uruguai** (1966-2009), como agente de divulgação da modernização da agricultura, em pesquisa no arquivo de propriedade do jornal, durante uma semana, no mês de julho de 2009, com a colaboração dos funcionários, foram selecionadas matérias publicadas entre os anos de 1966 e 1980.

Ainda sobre as fontes de pesquisa utilizadas no segundo capítulo, no **Jornal O Alto Uruguai** foram pesquisados e selecionados 89 artigos, publicados entre os anos de 1966 e 1980, que, de alguma forma, apresentam relação com o objeto de pesquisa, direta ou indiretamente. Destes, a maior parte é de autoria da assessoria de imprensa da Associação Sulina de Crédito e Assistência Rural - ASCAR, da cooperativa, da escola agrícola na coluna dos técnicos e dos demais órgãos públicos e privados. Devido à extensão dos mesmos e pelo fato de versarem, muitas vezes, sobre o mesmo assunto, optou-se por selecionar um de cada ano para ser incorporado ao corpo do texto na forma de citação literal ou indireta,

GILBERTO SPIER

com posterior análise, com o devido cuidado de contextualizar a temática.

Além dos artigos recortados do jornal, foram importantes, também, as leituras relacionadas com as empresas de pesquisa e de extensão rural na implantação dos pacotes tecnológicos, como o "Marco referencial para as ações sociais da Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural - EMATER/RS-ASCAR de 2006" e o relatório da empresa intitulado retrospectiva histórica EMATER/2003.

Na busca pela compreensão sobre o papel desempenhado pelas empresas de pesquisa e de extensão rural na implantação da modernização da agricultura na sua relação com o recorte territorial de estudo, Vicente Dutra-RS, foram importantes as leituras de Belatto (2005), que serviram de suporte teórico para análise do desenvolvimento das instituições de pesquisa e de extensão, desde seus projetos desenvolvidos fora do Brasil, até chegarem aos camponeses em Vicente Dutra-RS. Além de Belatto, foram especialmente relevantes os textos de Balsan (2006), Schlosser (2001) para o entendimento das ações desenvolvidas, sobretudo pelas empresas de extensão, no caso a EMATER-RS, junto aos camponeses, na divulgação dos pacotes tecnológicos para a agricultura.

Sobre os demais agentes de mudanças, foram importantes as fontes primárias relativas à história regional, onde se buscaram recortes e citações sobre a participação da igreja católica como agente de mudança. As obras de Batistella (1969), de Sponchiado (1989) e de Ferigollo (2004) tiveram centralidade como fontes de pesquisa. A participação do Padre Batistella, como interlocutor do processo de modernização da agricultura, mereceu destaque nesta parte do trabalho.

Quanto às presenças do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, da Cooperativa Tritícola Frederico Westphalen LTDA - COTRIFRED e da Rádio Luz e Alegria, estes foram agentes mediadores de mudanças na agricultura em Vicente Dutra-RS, pois importantes e extensivos trabalhos foram desenvolvidos por estes órgãos no município. Para melhor relacioná-los e compreender seus

papéis, o caminho mais apropriado foi buscar nas informações de lideranças que prestaram serviços junto aos mesmos, na época do recorte temporal de pesquisa (1966-1980), através de entrevistas com questionários pré-estruturados e gravados para posterior incorporação e análise no corpo do trabalho.

Nas análises e interpretação dos discursos contidos nas fontes primárias, livros e artigos de jornais, buscou-se o diálogo com autores como Pesavento (2002) e Haracenko (2007) sobre histórias de vida, o que auxiliou, como suporte teórico-metodológico, na interpretação e compreensão das funções destes organismos como agentes e mediadores da modernização agrícola em escala local e regional.

No capítulo três, busca-se relacionar a modernização conservadora da agricultura e suas territorialidades que se desenvolveram pelo território brasileiro e do Rio Grande do Sul, com as territorialidades surgidas em Vicente Dutra-RS. É neste capítulo que se estabelecem as múltiplas relações entre o que foi trabalhado nos dois primeiros capítulos com o campo de pesquisa propriamente dito. Nele aparece, de forma mais clara, o objeto de pesquisa. Nesta fase, várias fontes foram relevantes. Muitas delas somente foram obtidas através de horas de pesquisa em arquivos, como os dados sobre o município no escritório do IBGE em Frederico Westphalen-RS e nos arquivos da EMATER em Vicente Dutra-RS. No laboratório de Geoprocessamento da URI-Campos de Frederico Westphalen-RS, foram elaborados, a partir de imagens de satélite, os mapas da localização geográfica de Vicente Dutra-RS, bem como os mapas das mudanças na territorialidade rural dos anos de 1985, 1996 e 2010. Além das imagens de satélite, foram importantes as fotografias tiradas em vários locais do interior do município. Nelas se buscaram expor, também, mudanças na territorialidade, com as novas formas de produção agrícola, as mudanças na paisagem e as desterritorializações de camponeses, quando são apresentadas imagens fotográficas de casas abandonadas ou da concentração fundiária, além de fotografias, destacando atividades camponesas que sobrevivem as propostas capitalistas de modernização agrícola, e que, no desenrolar do texto, são chamadas de formas de resistência.

GILBERTO SPIER

As fontes orais coletadas a partir de entrevistas com questionários pré-estruturados e gravados, além de fundamentais, foram o ponto alto do desenvolvimento do trabalho neste capítulo, já que são extremamente relevantes para a compreensão das mudanças que ocorreram no território do município de Vicente Dutra-RS, entre 1966 e 1980. Não seguimos um padrão pré-estabelecido para a seleção de amostragem na escolha dos entrevistados, em concordância com Haracenko (2007), que aborda essa questão da seguinte forma:

Asseveramos que ao trabalhar com as fontes orais [...] não houve de nossa parte rigidez em obter certa quantidade de entrevistas que nos garantisse a representatividade de uma amostra. O que queríamos era obter informações qualitativas que nos permitissem apreender em profundidade o processo de transforma/organização da fração do território estudado [...]. (HARACENKO, 2007, p. 60).

Na coleta dos dados, após o contato com os entrevistados, foi elaborado um questionário que melhorou a condução da entrevista; nesse momento foi importante o posicionamento como ouvinte, sem fazer muitas interferências nas falas dos entrevistados, deixando-os(as) à vontade para que pudessem expressar suas opiniões em torno do assunto. A escolha por pessoas há mais tempo residindo em Vicente Dutra-RS, foi um critério adotado em função do recorte temporal de pesquisa, entre 1966 e 1980. Essas pessoas, muitas delas, viveram as fases da pré-modernização da agricultura e a fase da implantação dos pacotes tecnológicos da modernização agrícola. Suas informações, coletadas nas entrevistas, apresentaram-se como complemento, muitas vezes, inovador no trabalho, tal a importância das mesmas. Após o término da entrevista, cada entrevistado recebeu e assinou um termo de concessão, neste termo está a liberação das falas e informações prestadas para que as mesmas pudessem estar sendo usadas na dissertação. (Conforme modelo ANEXO). Nessa direção, Thompson (1992) evidencia a importância de se buscar, nas histórias de vida, elementos fundamentais para o entendimento das mudanças que possam estar em desenvol-

vimento no território:

Uma coisa é saber que as ruas ou campos em torno de uma casa tinham um passado antes que ali tivesse chegado; bem diferente é ter tido conhecimento, por meio das lembranças do passado, vivas ainda na memória dos mais velhos do lugar, das intimidades amorosas por aqueles campos, dos vizinhos e casas em determinada rua, do trabalho em determinada loja. (THOMPSON, 1935 [TRAD.1992], p. 30).

Na estruturação do trabalho, tomamos o cuidado para que se estabelecesse uma equivalência textual entre os três capítulos. Com isso, buscamos dar significado e representação para cada parte. Se no primeiro capítulo optamos por uma descrição mais centrada no campo teórico é porque entendemos que o processo de modernização da agricultura não é um tema do domínio de boa parte dos possíveis leitores do texto; assim, conceituar e facilitar o entendimento da temática foi uma das propostas apresentadas nesse capítulo. Já o segundo e o terceiro capítulos apresentam sua maior centralidade no campo empírico de investigação; por esse motivo, apresentam-se detalhes mais específicos, com muitas denominações e sujeitos próprios da territorialidade local, ou a ela relacionados.

Com a realização deste trabalho, não se pretende entregar por encerrada a investigação sobre o tema; pelo contrário, deverá abrir um leque de novos questionamentos sobre o objeto de estudo ou com relações de aproximação ao mesmo. Assim, espera-se poder contribuir para que se possa avançar na discussão em torno da temática aqui proposta.

GILBERTO SPIER

BRANCA

1

A TRAJETÓRIA DA MODERNIZAÇÃO DA AGRICULTURA A PARTIR DA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XX

1.1 Considerações introdutórias

Neste primeiro capítulo, o objetivo é conceituar e caracterizar o processo de modernização da agricultura que teve início em várias regiões do planeta e, conseqüentemente, no Brasil, a partir da segunda metade do século XX. Busca-se compreender, também, as territorialidades do processo de modernização da agricultura, pois uma das centralidades do estudo foi as conseqüências da modernização da agricultura sobre o território de Vicente Dutra-RS, entre os anos de 1966 e 1980. Para isto, foi feita a revisão de literatura, trazendo para o diálogo vários autores que, com suas pesquisas, produções científicas e bibliográficas, ofereceram importantes contribuições para a compreensão do tema. Verificou-se nesta fase, a relevância de outras fontes, como os dados dos censos do IBGE, onde aparecem importantes dados estatísticos acerca da mobilidade socioterritorial no Brasil, sobretudo nas últimas décadas, em que é possível se fazer uma ligação das mudanças no perfil da população brasileira no que diz respeito à relação campo/cidade. Entre um conceito e outro, são feitas análises e interpretações, visando a compreender melhor como se processou a modernização da agricultura em suas variadas formas e características, também como a mesma criou e recriou territorialidades.

GILBERTO SPIER

A agricultura constitui-se numa atividade importante para a humanidade e, ao longo de sua trajetória, desde o neolítico até os dias atuais, foram sendo criadas e recriadas formas de produção cada vez mais eficientes. Porém, depois da segunda metade do século XX, um movimento transformou, significativamente, a forma de produzir no campo, para seus idealizadores foi uma "Revolução Verde". Neste trabalho, este movimento será chamado de modernização da agricultura e, em alguns momentos, de modernização conservadora da agricultura.

Ainda, sobre a trajetória histórica da agricultura no planeta, Campos contribui com o seguinte apontamento:

Desde os primórdios da humanidade, o homem precisa retirar do solo parte de sua alimentação, que, por milhares de anos deu-se de forma mais harmônica. Porém, na última metade do século XX, com o avanço do capitalismo, com o crescimento da população mundial e com as descobertas no campo técnico e científico, a agricultura no mundo passou a ser tratada de forma mais contundente como uma mercadoria importante do rol das estruturas capitalistas. Tais transformações alteraram a sua relação com o meio ambiente, no que se convencionou chamar de modernização da agricultura. (CAMPOS, 2004, p. 7).

Historicamente, na maioria das sociedades, o campo antecedeu a cidade, não sendo diferente no Brasil que, ao longo de sua história, até o início do século XX, teve como papel principal a condição de país agroexportador ou, fornecedor de matéria-prima para as economias centrais. Como destaca Fabrini:

O modelo de desenvolvimento adotado no Brasil, macroestruturalmente pode ser classificado em "agroexportador", que corresponde aproximadamente ao período colonial até o início do século XX; o "nacional-desenvolvimentista", inaugurado em 1930 e que se seguiu até 1980; e o "neoliberal", que se iniciou no início da década de 1990, chegando até os dias atuais, quando se intensificou no campo uma agricultura de negócio, o agronegócio. (FABRINI, 2010, p. 57).